



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. IX (2008)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Um «sagrado dever» ou uma «amarga política»? o paradisíaco Brasil de Leopoldina

Ângela Domingues 

Como Citar | How to Cite

Domingues, Ângela. 2008. «Um “sagrado dever” ou uma “amarga política”? o paradisíaco Brasil de Leopoldina». *Anais de História de Além-Mar* IX: 207-225. <https://doi.org/10.57759/aham2008.37368>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2008. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2008. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

UM «SAGRADO DEVER» OU UMA «AMARGA POLÍTICA»?: O PARADISIACO BRASIL DE LEOPOLDINA

por

ÂNGELA DOMINGUES *

A vontade de viajar e de conhecer outras regiões, povos e culturas, bem como de os descrever, transmitindo experiências e conhecimentos adquiridos a outros que também viajam ou que apenas se limitam a «ser solidários» com o viajante a partir do conforto das suas secretárias ou poltronas, mais do que uma moda ou um gosto é um fenómeno intemporal.

Apesar de o assunto me parecer interessante, não quero obviamente enveredar pela problemática relacionada com as viagens imaginárias que tocam as fronteiras da literatura ficcional – de que um dos arquétipos mais antigos é a viagem de Ulisses para além dos pilares de Hércules e um exemplo mais próximo será o das aventuras mirabolantes de Baudolino à Terra Santa e ao Preste João¹. Igualmente no âmbito dos relatos de viagens imaginárias, consideremos ainda, porque com mais propriedade e outras consequências no imaginário europeu e em viagens realizadas posteriormente à data da edição, o caso das *Viagens* de Jean de Mandeville, um suposto cavaleiro mercenário inglês ao serviço do sultão nas lutas contra os Beduínos, que relata as suas aventuras pelo Egipto, Índia, Ásia, China, Mongólia. Ora, provou-se ser Jean de Mandeville um certo Jean de Bourgoigne, físico de Lutich, que tinha unicamente feito uma viagem na sua vida, ao Egipto, embora o relato publicado fosse tido por verdadeiro, tornado *bestseller* e usado como obra de referência para aquelas outras partes do Velhíssimo Mundo².

É surpreendente como viajantes que realizaram e continuam a efectuar viagens a sítios reais sejam fortemente influenciados por relatos de viagens ficcionais. Lembro, a propósito, que muito recentemente uma querida e

* Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ Umberto Eco, *Baudolino*, Lisboa, Difel, 2005.

² Jean de Mandeville, *Viagens*, São Paulo, Edusc, 2007; «Having visited no foreign country except Egypt, he was compelled to make use of the descriptions of others and to publish his compilation under a pseudonym. He discloses, in the situations borrowed often word for word from various authors, an extraordinarily wide range of reading, and he understood how to present his matter so attractively that the work in manuscript and print had a wonderful popularity» in Jean de Mandeville <http://home.newadvent.org/cathen/09587b.htm>

saudosa amiga brasileira visitou a nossa Lisboa do século XXI deixando-se guiar pelos romances de Eça de Queirós. É claro que pronta e espontaneamente (ou talvez nem tanto) lhe recomendei vivamente a leitura de *A queda de um anjo*, de Camilo Castelo Branco, onde o herói ou anti-herói romântico, o deputado Calisto Elói de Silos Benevides de Barbuda, morgado da Agra de Freima, do termo de Mirandela, inicia os seus primeiros passos por Lisboa oitocentista seguindo os périplos dos clássicos latinos, de que adveio uma infundável e irónica série de erros e equívocos³.

Susan Bassnett escreveu que «Travelers write about what they see, and their perceptions are shaped by cultural context from which they come and by all that they read and experienced about that culture»⁴. A esta reflexão juntaria uma outra, a de que um país é tão bem descrito pela sua geografia, planícies, montanhas e rios como pelas palavras, descrições, memórias e até anedotas, afirmação com a qual concordo perfeitamente ou não fosse eu originária daquele «tiny little country near Spain», forma como uma honrada senhora norte-americana definia o meu país depois de o ter visitado num verão qualquer.

Já neste registo – o das verdadeiras viagens e dos verdadeiros relatos –, pensemos, por exemplo, no *Livro* de Marco Pólo. Por largo período de tempo, este livro, juntamente com as *Viagens* de frei Odorico de Pordenone, constituiu a fonte de informação europeia minimamente acessível e fiável sobre a Rota da Seda, Arménia, Pérsia, Afeganistão, até à Mongólia e China⁵. Em Marco Pólo e Pordenone, como aliás em tantos outros livros que identificamos como sendo literatura de viagens, os limites entre realidade e ficção são difíceis de estabelecer⁶.

³ Camilo Castelo Branco, *A queda de um anjo*, Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa, Porto, Porto Editora, s.d http://www.portoeditora.pt/bdigital/pdf/NTSITE99_QuedaAnjo_Cap01.pdf

⁴ Susan Bassnett, «Introduction» in *Literature of travel and exploration: an Encyclopaedia*, Jennifer Speaker (org.), vol. I, New York, Fitzroy Dearborn Publishers, 2002, p. xi. http://books.google.pt/books?id=on2ShbwVzp4C&pg=PR11&lpg=PR11&dq=%22the+theme+of+travel+runs+through%22&source=web&ots=kZaXy12pVu&sig=M2k2zM3zZ_fNGSe_UW-OL78pMiA&hl=pt-PT&sa=X&oi=book_result&resnum=2&ct=result

⁵ Enviado pelo Papa Inocêncio IV em missão diplomática junto do Grande Tártaro Mongol, o franciscano Odorico de Pordenone terá viajado por Veneza, rumo a Constantinopla, Golfo Pérsico, Índia, Ceilão, Sumatra, Java, China, Mongólia, Tibete. Foi uma das fontes de Jean de Mandeville http://en.wikipedia.org/wiki/Odoric_of_Pordenone

⁶ «Manuscript editions of his work ran into the hundreds within a century after his death. The book was recognized as the most important account of the world outside Europe that was available at the time. Today there are more than 80 manuscript copies in various versions and several languages around the world» in «Marco Polis and his travels» in <http://www.silk-road.com/artl/marcopolo.shtml> Embora com uma dose de imaginação e fantasia suficiente, o livro resultou da viagem de vinte e quatro anos de um jovem oriundo de uma família de abastados mercadores venezianos. Francisco Maria Esteves Pereira, *O livro de Marco Paulo, O livro de Nicolau Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam, conforme a impressão de Valentim Fernandes feita em Lisboa em 1502*; com três fac-similes, introdução e índices, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

Seguidamente consideremos o salto epistemológico que ocorre com a literatura de viagens da «Idade das Navegações», quando a «ciência» expulsou dos mares e de ilhas imaginárias seres lendários e míticos. Esse conhecimento científico náutico que garantia que era tecnicamente possível regressar a um local onde se tinha estado pela primeira vez e assim dominar os oceanos, fez com que estes seres imaginários se refugassem no Novo Mundo.

«Volver de los viajes con memorias ò relaciones escritas de lo visto – instrumentos de información y controle en manos de la Corona – fue una exigência explicita de los reyes a partir de la segunda travesía de Colón»⁷. Deste modo, as viagens e a literatura de viagens assumem-se como um meio privilegiado para conhecer e avaliar as consequências culturais do expansionismo europeu, sendo claramente uma das formas mais dramáticas de expressão do que os europeus de então viam pela primeira vez e de como fizeram chegar aos seus contemporâneos (e até nós) os registos desses fenómenos. Através deles é possível repensar, entre outras questões, a da dinâmica de encontros e dos confrontos, a dos diferentes conceitos de soberania e das relações centro-periferia, as teorias raciais e a formação de noções de identidade, a evolução das formas de organização do conhecimento, bem como das alterações dos métodos de registo.

Os primeiros europeus a descrever o Novo Mundo viram coisas novas e estranhas e desenvolveram em relação a elas sentimentos de aproximação, compreensão ou de repulsa, incompreensão. A América e o Brasil tornaram-se os lugares onde tudo era possível. Por vezes, ao tentar torná-las mais perceptíveis, socorrem-se de imagens familiares aos seus leitores, algumas em voga nos romances vulgarmente lidos ou vivas no imaginário europeu, como é o caso das célebres Amazonas que, tendo sido descritas nas «relações verdadeiras» das viagens de «Orellanas» e «Aguirres», vêm a sua existência ser questionada e cientificamente desmontada pelo corregedor e ouvidor-geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (Rio Negro em 1774-1775). O relatório da viagem foca este aspecto revelando que, não obstante para um ilustrado a questão já não ser digna de crédito, ainda dava «algum trabalho». A conclusão do ouvidor foi de que, *de facto*, não existiam⁸.

Os impérios coloniais seiscentistas e setecentistas, construídos com base numa economia desenvolvida à escala mundial, com manufacturas europeias a serem produzidas e vendidas nas colónias, deviam exportar e impor uma «missão cultural e civilizadora europeia» a todo o mundo, porque tinham

⁷ Carlos Alberto González Sanchez, «Discursos y representaciones de la cultura escrita em el mundo hispánico de los siglos XVI y XVII» in *Cultura escrita y sociedad*, n.º 2, Abril 2006, p. 41

⁸ António Porro, *As crónicas do rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*, Editorial Vozes, Petrópolis RJ, 1992; Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, *Diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma, no ano de 1774 e 1775*, Lisboa, na Tipografia da Academia, 1825.

uma função redentora: o modelo cultural europeu era superior a todos os outros, desejável a todos os outros, menos desenvolvidos, menos civilizados, mais «primitivos». Embora quando se tratasse de a impor aos *Outros*, este «modelo de cultura europeia ocidental» tivesse *nuances*: de acordo com as diferentes perspectivas, a cultura de uma nação europeia era sempre melhor que a da outra e ainda mais se se tratasse destes encontros (ou confrontos) nas colónias e com as sociedades coloniais. Mas para além de todos estes juízos de valor, a atracção por estes «strange new worlds» e pelas culturas mais bárbaras, selvagens, inferiores era inevitável.

Neste período, o êxito editorial que a literatura de viagens teve explica-se em parte porque estes livros eram histórias de heróis destemidos num mundo povoado por povos selvagens, perigosos piratas, inimigos ignorantes. Esta literatura tinha uma função didáctica e de entretenimento junto da população que vivia os relatos de navegadores como se de aventuras se tratassem e via nas descrições de sociedades e povos estranhos e exóticos a superioridade da civilização europeia ocidental. Mas, simultaneamente, constituía uma fonte de informação útil tanto para quem de facto viajava, como para políticos e mercadores que, do conforto dos seus gabinetes, avaliavam territórios e políticas, produtos e lucros. Assim se explica que, por exemplo, *A voyage around the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV*, by George Anson, tenha conhecido quinze edições entre 1748 e 1776⁹. Do mesmo modo, os trabalhos de John Mawe, Thomas Lindley, Henry Koster ou Maximiliano de Wied-Neuwied conheceram inúmeras e rápidas edições e traduções em francês, italiano, holandês e alemão.

Nos dias de hoje a literatura de viagens continua a ter um enorme sucesso, talvez ainda maior com a «democratização» do turismo. Não quero obviamente expressar que o conceito «turista» seja equiparável a «viajante», nem tão-pouco entrar nessa discussão¹⁰. Em inúmeras prateleiras de livrarias, guias turísticos com o êxito e prestígio que os *Blue Guides* (o primeiro, *London and its environments*, foi publicado em 1918) ou os *Lonely Planet Guide*, (o primeiro, *Across Asia on the Cheap*, foi editado em 1973) coexistem com relatos de viagem de aventura e exploração dos mais diversos períodos, dando-nos ideia da importância que a «literatura de viagens» continua a desempenhar num mundo onde as novas tecnologias permitem o acesso a uma informação que chega célere e quase gratuita.

Não deixa de ser curioso que este gosto intemporal por «literatura de viagens» e sobre o que ela transmite inclua igualmente, a par do que de mais

⁹ Ângela Domingues, «O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo» in *Revista Brasileira de História*, vol. 28, n.º 55, Janeiro-Junho 2008, p. 147.

¹⁰ Sobre esta distinção Susan Bassnett cita apropriadamente Paul Fussell: «Tourism as not self-directed but externally directed. You go not where you want to go but where the industry has decreed you shall go. Tourism soothes you by comfort and familiarity and shields you from the shocks of novelty and oddity. It confirms your prior view of the world instead of shaking it up» (in «Introduction», p. xii).

actual se escreve sobre um país ou uma região, a leitura e análise de relatos de viagens feitos em períodos recuados. Estamos, agora, num outro domínio, no da reedição de textos históricos de viagens que, de igual modo, considero ser um «fenómeno sem tempo», embora, e consoante as épocas, motivado por diferentes razões, com diferentes objectivos e, sobretudo, com uma leitura, um «olhar» diferente.

Assim, ao ler esses textos de períodos mais recuados, a minha atenção reparte-se entre o que é descrito ou relatado – no presente caso, o Brasil e o modo como a colónia ou o país, a natureza, a sociedade colonial, os ameríndios –; e quem e de que modo descreve – não só a forma como o sujeito se relaciona com o meio ambiente e as populações locais mas também o inquérito que utiliza, o qual reflecte a sua própria formação e o meio cultural em que está integrado, bem como as estratégias de que se socorre tendo em vista aproximar o novo, o estranho, o exótico ao que os destinatários conhecem e têm a sensação de dominar. Às pessoas que têm esta capacidade de descrever e representar novos mundos e de os abrir à Europa, chamou Mary Louise Pratt de «os olhos do Império».

Retomando um exemplo anteriormente dado, hoje, tal como na Idade Média, continuamos a ler o Livro de Marco Pólo, que continua a ser reeditado na sua versão original e com adaptações para o público infanto-juvenil. Curiosamente, numa livraria começámos por procurá-lo na categoria de «História» e «Literatura/Romances» e finalmente acabámos por encontrá-lo na secção «Literatura de Viagem», profusamente acompanhado por reedições de textos que iam desde o século XVI ao XIX: Knivet, relatos de piratas e filibusteiros. Ora, ao ler o livro, faço-o, se o meu propósito não é académico, com o objectivo de entretenimento e recreação. A esse objectivo imediato, acresce paralelamente uma perspectiva crítica e uma visão «antropológica» que incide não apenas sobre o modo como a China foi vista e descrita pelos olhos de Marco Pólo, mas também como é que esta China de Marco Pólo é interpretada por mim, cidadã do século XXI; como também sobre o próprio Marco Pólo e o que este relato revela aos europeus do século XXI da Europa do século XIII nomeadamente através da forma como o autor organizou o discurso e privilegiou, descrevendo-os, fenómenos específicos.

Creio que são estes «jogos reflectidos» que nos atraem e que talvez ajudem a compreender o êxito que a «literatura histórica» de viagens continua a ter, tanto entre os académicos, como junto dos leitores comuns das mais diferentes idades. Continuamos a ler Marco Pólo com propósitos académicos e para nossa fruição. De igual modo, as editoras continuam a achar rentável a reedição de narrativas de viagens, como as de John Mawe, Jean Baptiste Debret ou Maria Graham, entre tantos outros. E não posso deixar de aqui sublinhar a vitalidade que os estudos relacionados com as viagens e a «literatura histórica de viagens» têm, nomeadamente sob a forma de associações académicas com prestígio (como a Hakluyt Society), na edição de revistas especializadas (como a *Studies in Travel Writing*), de colecções específicas (como a Magellane das Ed. Chandeigne, as da Hakluyt Society, ou

as Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical), por vezes em acessíveis livros de bolso, bem como de estudos científicos que se renovam constantemente¹¹.

Embora o esboço aqui traçado por mim seja linear e me permita argumentar – embora neste momento, reconheço, superficialmente fundamentada – que o gosto pela literatura histórica de viagens é, então, um fenómeno intemporal, comum, por largo período de tempo, à Europa Ocidental, considero também que os motivos, os interesses que estas «sociedades» tiveram e continuam a ter pela «literatura histórica de viagens» não são, obviamente, as mesmas, ou pelo menos, não são só as mesmas.

Podemos obviamente encontrar aspectos predominantes e comuns a todos os tempos, tais como o fascínio pelo estranho e pelo distante, que frequentemente se traduz no gosto mais ou menos definido e assumido pelo exotismo ou pelo «maravilhoso»; a vontade de saber de forma mais precisa, eventualmente, tornando útil e incorporando esse conhecimento às referências e necessidades de cada um; a formulação destes (à falta de melhor) «jogos reflectidos» que nos levam a reequacionar o estafado binómio Eu/Outro.

Contudo, há problemas característicos a épocas concretas. Por exemplo, o que justifica que em pleno «Século das Luzes» – no período em se desenvolve o que M. L. Pratt chama de «consciência planetária europeia» e se questiona a credibilidade da informação de «soldados ignorantes» e «clérigos inábeis», entendidos como os que não têm a «formação científica» de setecentos – se publique uma imensidão de textos quinhentistas e seiscentistas sobre o Brasil, aliás profusamente utilizados em obras científicas «de ponta»? O que faz com que num século que apenas acredita nos resultados da experiência e da observação, no que vê e pode comprovar, editores tão conceituados como Peter van der Aa continuem a imprimir Jean de Léry, André Thévet, Hans Staden, António Vieira e Fernão Cardim? Porque perante o encerramento da colónia brasileira a viagens oficiais estrangeiras conjuntamente com a não divulgação dos resultados das expedições portuguesas mais recentes, os escritos destes autores constituíam a informação que estava disponível ao comum dos europeus do século XVIII¹².

Sintetizando argumentos desenvolvidos em outro lugar, diria que a intensa renovação científica e intelectual ocorrida na Europa de setecentos tinha também chegado a Portugal, que, em pleno século das Luzes, conhecia renovações profundas nomeadamente com o fenómeno dos *estrangeirados*¹³,

¹¹ Uma fundamentação mais sólida desta afirmação far-se-á em trabalho futuro.

¹² Ângela Domingues, «Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra)» in *Vária História*, vol. 22, n.º 35, Janeiro-Junho 2006, p. 152.

¹³ Oswaldo Munteal Filho, *Uma sinfonia para o Novo Mundo: a Academia Real de Ciências de Lisboa e os caminhos da Ilustração brasileira no antigo sistema colonial*, Dissertação de Doutoramento em História, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

com a presença em Portugal e no Brasil dos padres matemáticos¹⁴, com convites dirigidos a ilustres intelectuais para desempenhar papel activo como formadores de uma nova *elite do conhecimento* ao serviço do estado português¹⁵, com as *viagens filosóficas*¹⁶. Parte da actuação desta elite vai ser utilizada numa administração mais eficiente e num maior controlo, conhecimento e exploração económica do Império, com o Brasil a ocupar lugar de destaque. Como se sabe, inúmeras viagens científicas são efectuadas com o intuito de se actualizar e ampliar o conhecimento que o poder central tem dos seus domínios. Contudo, os resultados da actuação da elite de conhecimento permanecerão, na sua maioria, manuscritos, depositados em arquivos das Secretarias de Estado e da administração central, e o acesso à informação irá ser restringido e controlado¹⁷. «A obsessão da(s) corte(s) espanhola [e portuguesa] de proteger suas colónias de toda a influencia e espionagem estrangeiras era legendária»¹⁸: em causa estariam principalmente a defesa das instalações militares e da exploração mineira do interior da América.

O certo é que já em pleno século XIX, o Brasil era considerado por viajantes como Spix e Martius (1817-1820) como «the hart of a new continent» e «a part of the world so imperfectly known», tornando-se rapidamente alvo de inúmeras expedições e viagens científicas pelos demais países europeus, e também de «real and authentic narratives [...] hitherto but imperfectly or not at all explored and performed by persons every way qualified to gather ample materials for both instructions and entertainment» que iam tornando familiares à compreensão europeia mundos desconhecidos e exóticos e sociedades consideradas inferiores à da antiga e ilustrada Europa¹⁹.

Uma questão, que se pode acrescentar aos pontos já levantados, foi contundentemente apontada pelo historiador espanhol Francisco Vasquez Garcia: «La Razón Ilustrada seria culpable por imponer un unico modo de

¹⁴ André Ferrand de Almeida, *A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa (1713-1748)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 2001.

¹⁵ Ângela Domingues, *Viagens de exploração geográfica na Amazónia em finais do séc. XVIII: Política, Ciência e Aventura*, Lisboa: Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração (Madeira)/Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991; idem, «Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos» in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2008, pp. 1823-38.

¹⁶ Ermelinda Pataca, *Água, terra e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)*, Dissertação de Doutoramento apresentada no Instituto de Geociências, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

¹⁷ Ângela Domingues, «Circulação de informação científica no Império Português em finais de setecentos» in *O domínio da distância. Comunicação e cartografia*, Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato (org.), Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 2006, p. 71 e ss.

¹⁸ Mary Louise Pratt, *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, Bauru, EDUSC, 1999, p. 43.

¹⁹ JB. Von Spix e CFP. von Martius, *Travels in Brazil*, vol. I, Londres, Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824, p. 2 e vii.

ver y de estar en el mundo, el próprio del varón blanco, occidental y heterosexual, apoyado en la tecnociencia y en las instituciones del mercado y la democracia liberal» e de identificar como racional o modo de vida de um europeu ocidental de classe média²⁰.

O «Século das Luzes», ao trazer consigo uma nova concepção de ciência, acompanhada por um racionalismo cada vez mais notório, lançou as bases da exploração científica da natureza selvagem dos trópicos²¹. Gerou um processo que tornou os homens em donos de terras, objectos e mundos, com uma vontade de conhecer e dominar a natureza através da construção de registos: textos, colecções, herbários, imagens, pinturas, mapas. Neste movimento de apropriação de novos lugares e de redescobrimento do mundo, os viajantes são figuras ímpares. «*Homens do seu tempo*» – cultos, interessados, curiosos – contribuíram para que a Europa ilustrada arquitectasse imagens: primeiro de uma colónia centenária; depois de um jovem país sul-americano.

As mulheres tiveram um papel irrelevante neste processo. Esta sociedade, que defendia o direito natural e os princípios de igualdade jurídica entre os homens, fazia, no entanto, distinções quando se tratava dos direitos civis, não considerando princípios de igualdade política e social. Da mesma forma, as teorias iluministas sobre a aprendizagem humana mantinham barreiras relacionadas com uma educação diferente em relação aos sexos e criavam dúvidas sobre a capacidade das mulheres em relação à razão. Consideradas biologicamente inaptas para uma participação activa na vida pública, eram excluídas de participar na vida política.

Não espanta, pois, que, quase todas as viagens de exploração e quase todos os registos, tenham sido feitos por homens. Ou seja, as mulheres viajavam, acompanhavam os seus maridos, as suas famílias, por vezes em circunstâncias adversas, mas os testemunhos escritos por elas são inexistentes ou perderam-se com o passar dos anos. Uma das excepções mais emblemáticas é, talvez, o caso de Isabella Godin des Odonais, aristocrata peruana que, seguindo a rota de La Condamine, desceu os Andes e o rio Amazonas para se juntar a seu marido, Louis Godin des Odonais. Contudo, «A romântica e arrepiante narrativa de Mme Godin foi publicada em 1773 – não por ela, mas por seu esposo, a pedido de La Condamine, que a anexou às edições da sua própria narrativa»²².

Já no caso de Rosa de Saulces de Freycinet que, a bordo da corveta Uranie, aportou no Rio de Janeiro, em 1817, acompanhando seu esposo Louis-Claude de Freycinet numa expedição científica de circum-navegação

²⁰ Francisco Vazquez Garcia, «Claroscuros de la razón ilustrada» in *Ilustración y libertades. Revista de Pensamiento e História de las Ideas*, vol. 1, 2007, p. 20.

²¹ Flora Medeiros Lahuerta, «Viajantes e a construção de uma ideia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)» in *Revista electrónica de Geografía e Ciencias Sociales*, vol. X n.º 218 (64), 1 de Agosto de 2006 <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>

²² Mary Louise Pratt, *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*, p. 51.

com o objectivo de medir as forças magnéticas do hemisfério meridional, os registos por si produzidos – cartas enviadas por Rose a sua mãe, Caroline de Nanteuil – acabaram por ser publicados sob a forma de diário – *Campagne de l'Uranie* (1817–1820), apenas em 1927 por Charles Duplomb²³.

Um outro caso foi, sem dúvida, Maria Dundas Graham, jovem aristocrata britânica que desde muito nova acompanharia a família nas suas andanças pela Índia, Itália, América do Sul e Espanha²⁴. Destas viagens resultariam *Journals [of a residence in India* (1812); *of as residence in Chile during the year 1822 and a voyage from Chile to Brazil* (1824); *of a voyage to Brazil* (1824)], *Letters [on India*, 1814] e *Three months in the mountains East of Rome* (1821), ou seja, relatos de viagens nos quais ia descrevendo os locais, a natureza, os usos e costumes das sociedades/comunidades com que se ia deparando²⁵.

Ainda uma outra excepção? Talvez Maria Leopoldina, imperatriz do Brasil. Leopoldina não foi propriamente autora de um diário ou de um relato de viagem mas de cartas, inúmeras cartas, que nos permitem perceber a sua formação, os seus estados de espírito, as suas relações afectivas, os seus interesses culturais e científicos e as suas simpatias políticas²⁶. E nesse sentido, a correspondência de Leopoldina, não sendo «literatura histórica de viagem» no sentido mais tradicional, é uma fonte válida que contribui para uma melhor percepção do Brasil tal como era visto por um membro da alta nobreza europeia dos inícios de oitocentos, tornada na primeira imperatriz de um jovem país sul-americano. Talvez duplamente importante, na medida em que nos dá informação não só sobre o Brasil de Leopoldina, mas também sobre a antecipação que Leopoldina fazia do Brasil enquanto ainda estava na Áustria.

Leopoldina chegaria ao Brasil a 11 de Novembro de 1817: «the person the most important to the hopes and happiness of Brazil, was welcomed with enthusiasm by all class of people»²⁷. Assim se referia Maria Graham à chegada daquela que viria a ser uma amiga próxima.

Quanto ao período em que Leopoldina chega, há que dizer que é uma época em que os acontecimentos políticos se sucedem a velocidade vertiginosa. Nesta sequência a data marcante é, como aliás a historiografia contem-

²³ Até este momento ainda não tivemos acesso ao diário de viagem de Rose de Freycinet; v. «The *Uranie* voyage» http://www.museum.wa.gov.au/collections/maritime/march/treasures/uranie/rose_etc.html

²⁴ Maria Dundas Graham (Lady Maria Calcott), *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, Londres e New York, Frederick A. Praeger Publ., 1969, p. i.

²⁵ Para além destes relatos, publicou também uma *História da Espanha* (1828) e outra da Inglaterra, em 1835, destinada a um público infantil.

²⁶ A correspondência de Leopoldina foi recentemente editada em AA.VV., *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, pesquisa e selecção de cartas de Bettina Kann e Patrícia Sousa Lima; artigos István Jancsó et al., São Paulo, Estação Liberdade, 2006.

²⁷ Maria Dundas Graham (Lady Maria Calcott), *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, p. 57.

porânea o demonstra pela importância que lhe confere, o ano de 1808, da chegada da corte ao Brasil e da abertura dos portos à navegação das nações amigas e ao comércio internacional. Mas tal como afirma Sérgio Buarque de Holanda, à abertura dos portos seguiu-se o «novo descobrimento do Brasil». Inúmeros viajantes aportaram à colônia e descreveram as «dores de crescimento» de uma cidade que se adaptava à instalação da corte, dos órgãos e do *aparatus* da administração central e de mais alguns milhares de pessoas. Mas a 1808 seguiram-se outras datas marcantes e um período politicamente agitado. O registo desses acontecimentos é feito por Maria Graham que, durante a sua estada, frequenta círculos de diplomatas e líderes políticos. Ainda assim, faz repetidamente notar que a informação a que tinha acesso era condicionada porque, segundo afirmava, era mulher e estrangeira: «My opportunities of information were too few; my habits as a woman and a foreigner never lead me into situations where I could acquire the necessary knowledge»²⁸. A esta dificuldade acrescia a sua relação imediata com os acontecimentos que estavam ainda muito próximos, o que obscurecia os motivos e razões por trás de eventos e pessoas.

Contrariamente ao que seria de esperar da sua condição de «mulher» e «estrangeira», Leopoldina vai tomar uma franca e aberta participação em muitos deles, particularmente os que tocam à independência do Brasil, à contratação de colonos e de soldados mercenários da Europa (engajados pelo major G. A. von Schaffer, favorito de Leopoldina), às nomeações de indivíduos para cargos diplomáticos e administrativos internos²⁹.

A vida, época e perfil psicológico de Leopoldina foram assuntos recentemente estudados com profundidade. Chegado ao Rio em 1825, o soldado mercenário Schlichthorst descreve-a como «baixa e gorda, com traços genuinamente alemães (...). O sol dos trópicos e o modo de vida a que se adaptou no hemisfério meridional emprestam-lhe às faces alto grau de vermelhidão e lhe deram a corpulência que se manifesta em quase todas as mulheres brasileiras passada a primeira mocidade (...) fala alemão à maneira de Viena, servindo frequentemente de intérprete ao marido. Dizem que é muito instruída»³⁰.

Esta descrição contemporânea de uma Leopoldina culta mas pouco graciosa terá uma outra dimensão, nomeadamente a que é conferida pelos

²⁸ Maria Dundas Graham (Lady Maria Calcott), *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, p. 59; e também p. 79.

²⁹ *A imperatriz Maria Leopoldina. Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário da sua morte, ocorrida no dia 11 de Dezembro de 1826*, prefácio de Alcides Bezerra, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1926. Neste período de organização do exército brasileiro, inúmeros alemães, irlandeses, franceses e italianos foram contratados para integrar os corpos militares. Entre eles, encontrava-se C. Schlichthorst autor de uma vívida descrição do Rio de Janeiro, intitulada *O Rio de Janeiro como é em 1824-1826 (humas vezes e nunca mais)*. Contribuição de um diário para a história atual, costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil, editada pela primeira vez em Hannover, na Real Livraria de Hahn em 1829 (Rio, Livraria Editora Zélio Valverde, 1943).

³⁰ C. Schlichthorst, *O Rio de Janeiro como é em 1824-1826 (humas vezes e nunca mais)*, p. 24.

ensaios que antecedem a recente publicação da correspondência da primeira imperatriz do Brasil. Por eles, ficamos a saber que Leopoldina, neta da imperatriz Maria Teresa de Áustria e irmã de Maria Luísa, jovem esposa de Napoleão, era uma jovem culta, amável, afectuosa e bem-educada, detentora de uma educação que incluía o estudo das ciências naturais, zoologia e botânica, física, francês, italiano, latim, história, música e pintura³¹. A esta formação inicial, juntou-se a aprendizagem do português e do inglês, já durante a sua permanência no Brasil: a primeira, que considerava um idioma «difícil de entender porque é meio árabe, italiano e francês, [mas] apesar disso é uma língua com boa sonoridade», por razões de proximidade familiar e afectivas; ambas as línguas por razões políticas e diplomáticas³².

Embora não sendo meu propósito enveredar pelos estudos de género, pareceu-me interessante tentar avaliar o peso que a correspondência de uma mulher europeia teria enquanto fonte de transmissão de informação válida para a compreensão do Brasil oitocentista e perceber como a colónia era vista por uma recém-chegada, como esta apreendeu o Brasil e tornou perceptível esta imagem? Como capta e descreve a natureza, a humanidade, os costumes de povos e elites e como os seus sentidos são estimulados por cores, cheiros, tipos, sons, sabores e práticas sociais diferentes, oscilando entre o pitoresco e o exótico³³. Se as sensações físicas se traduzem em discursos e imagens, com os recém-chegados a tentar descrever, classificar e conferir significado à experiência que chega através dos sentidos, qual é o papel da correspondência, não só como meio de comunicação e forma de manter e cultivar as ligações afectivas, mas também como exercício de aproximação para tornar familiar o que é distante exótico e estranho a quem está longe?

1. Uma imagem do Brasil na Europa: Leopoldina e as expectativas anunciadas

Na opinião abalizada de Andréa Slemian, o matrimónio de Leopoldina e Pedro surge como uma missão política negociada entre as cortes portuguesa e austríaca. Mas, primeiro que tudo, não posso deixar de realçar o facto irónico e bem notado por Maria Graham de ser Leopoldina irmã bem-amada de Maria Luísa, mulher de Napoleão I, que afinal «havia compelido

³¹ Bettina Kann, «Apontamentos sobre a infância e juventude de Leopoldina» in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, São Paulo, Estação Liberdade, 2006, p. 65. Tal como José Bonifácio, foi aluna de Hany, tendo estudado mineralogia segundo o seu sistema de classificação.

³² Carta 70 a Maria Luísa, de 21 de Outubro de 1816 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 253.

³³ Sandra Jatahy Pesavento, «Uma cidade sensível sob o olhar do «outro»: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816-1831)» in *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, n.º 7, 2007 <http://nuevo-mundo.revues.org/document3669.html>

a família Bragança a exilar-se»³⁴.

Um dos objectivos seria o Império Austro-húngaro obter uma posição privilegiada com vista a novas oportunidades comerciais relacionadas com o comércio colonial. Neste jogo político-diplomático em que a Inglaterra e a França continuavam a ser os principais opositores, Leopoldina seria «uma importante representante dos interesses da casa dos Habsburgo nos destinos portugueses, especialmente na América, ainda mais se levarmos em conta a supremacia exercida pelo Império Austríaco na Europa naquele momento»³⁵.

Juntamente com a jovem noiva partem então para o Brasil alguns cientistas austríacos e alemães especializados em História Natural e Filosofia Natural, entre eles o zoológo Johann Natterer, e dois bávaros, membros da Academia de Ciências de Munique, enviados pelo rei da Baviera: Joannes Baptist von Spix e Carl Friederich Philipp von Marius. Desta forma, «The marriage of an Austrian Princess with the Crown Prince of Brazil, gave, however the most powerful stimulus to the German literati, and the fairest opportunity for visiting Brazil with all the advantages that the protection of the Emperor could afford»³⁶.

O interesse pelo Brasil aparece claro na correspondência da jovem princesa logo após o início das negociações para o casamento com o herdeiro da coroa portuguesa, em Junho de 1816³⁷. Perante a perspectiva do enlace e da deslocação para o Brasil, Leopoldina continuou a sua formação dando início a uma série de leituras com o objectivo de se munir de informação sobre a colónia brasileira e o reino de Portugal. Leu obras como a de Joaquim José António Lobo da Silveira, cônsul de Portugal junto da corte sueca, que divulgava as produções naturais brasileiras (e particularmente as minerais) junto de uma Europa muito atenta³⁸; bem como a *Histoire du Brésil depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810* de Alphonse de Beauchamp (3 vols., Paris, 1815), os *Eléments de l'Histoire du Portugal* de Antoine Sérieys (Paris, Chez Demoraine, 1805), e outras obras não identificadas até ao momento, como Valet, o *Jornale lusitanico*.

Para além disso, procurava obter dados através de conversas com Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho, 6.º marquês de Marialva e 1.º conde

³⁴ Maria Graham, *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1997, p. 31.

³⁵ Andréa Slemian, «O paradigma do dever em tempos de revolução: D. Leopoldina e o sacrifício de ficar na América» in D. Leopoldina. *Cartas de uma imperatriz*, p. 89.

³⁶ H. E. Lloyd, 'Preface' in JB. Von Spix e CFP. von Martius, *Travels in Brazil*, vol. I, Londres, Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824, p. x.

³⁷ Sobre o cerimonial relacionado ao processo de negociação do casamento e à sua celebração v. Jurandir Malerba, *A corte no exílio. Civilização e poder no Brasil às vésperas da independência (1810 a 1821)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 55 e ss.

³⁸ J. Lobo da Silveira, sexto conde de Oriola, foi autor de *Skizze von Brasilien*, publicado em Estocolmo, Johann P. Lindh, 1808.

de Cantanhede, e de Rodrigo Navarro de Andrade, 1.º barão de Vila Seca, representante em São Petersburgo e Sardenha, que, segundo Leopoldina, tinham viajado por toda a Europa e parte da América³⁹, que provavelmente seriam responsáveis pela imagem da família real portuguesa como detentora de «*muito senso e nobres qualidades*»⁴⁰.

Seria esta conjugação de informação oral e escrita que permitiu a Leopoldina fazer a ideia do Brasil como um Eldorado e «um país magnífico e ameno, terra abençoada que tem habitantes honestos e bondosos», onde todos os cortesãos gostariam de acompanhar a sua jovem princesa, «pois todos querem ver o Brasil». Adulação palaciana à parte, o Brasil parecia-lhe uma alternativa viável a uma insuportável e conturbada Europa, assolada por uma instabilidade política notória e lugar pouco seguro para as cabeças coroadas.

Quanto às lacunas sobre o Brasil, a princesa que tinha por meta casar-se e ter filhos ou ser nomeada mineralogista do Império propunha-se suprimi-las através do envio das sementes das plantas mais exóticas, das pedras mais raras, dos mais belos e interessantes exemplares de papagaios e macacos e ainda pelo envio das suas cartas e de uma fiel descrição do Brasil⁴¹.

2. A chegada: os encontros desejados

«Nem pena nem pincel podem descrever a primeira impressão que o paradisíaco Brasil causa a qualquer estrangeiro; basta dizer que é a Suíça com o mais lindo e suave céu»⁴². Esta frase espelha o entusiasmo e admiração sentidos por Leopoldina face à natureza carioca. Assim descreveu a seu pai, o Imperador Frederico I, a admirável e exuberante paisagem que enquadra a cidade do Rio de Janeiro, com os seus três belos fortes, os vários grupos de ilhas e as montanhas circundantes cobertas de palmeiras e outras árvores. Porque, cabe aqui dizê-lo, o Brasil de Leopoldina foi pouco mais que o Rio e os caminhos e áreas circundantes aos palácios de São Cristóvão e Santa Cruz ou a Baía e as Minas Gerais, até onde terá viajado por várias vezes.

Tal como outros viajantes anteriores a ela, como Spix e Martius, John Luccock ou Johann Emanuel Pohl, Leopoldina desenvolveu, logo após a sua chegada ao Brasil, uma admiração genuína e sincera pelas belezas naturais e pelas potencialidades económicas contidas na natureza do seu Brasil.

³⁹ Carta 75 a Maria Luísa, de 19 de Novembro de 1816 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 259.

⁴⁰ Carta 67 a Maria Luísa, de 4 de Outubro de 1817, 1816 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 249.

⁴¹ Carta 67 a Maria Luísa, de 4 de Outubro de 1817, *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 249; e carta 68 a Maria Luísa de 15 Outubro de 1817, *ibidem*, p. 251.

⁴² Carta 131 a Francisco I, de 8 de Novembro de 1817 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 313.

Numa tentativa de tornar compreensível o cenário encontrado a outros europeus, nomeadamente à sua família, a princesa recém-casada irá aproximar e incorporar o desconhecido através da comparação com o que é familiar quando, por exemplo, afirma que «a região [o Rio] é maravilhosa e bem igual ao Steyermark» ou quando classifica a área montanhosa em torno da cidade como os «nossos Alpes do Brasil»⁴³. Mas também irá socorrer-se do seu talento e enviar desenhos de paisagens, amostras de minerais, espécimes vivos e dissecados, transmitindo uma ideia de fecundidade e grandeza da enorme diversidade da floresta e dos seus habitantes, bem como do grande potencial de pesquisa de uma natureza ainda pouco conhecida e estudada⁴⁴. Através das descrições contidas nas suas missivas e das recollecções de produtos naturais enviadas, Leopoldina tentava ajudar à integração de regiões e ecossistemas desconhecidos no conhecimento europeu.

Valendo-se da sua educação esmerada e do seu interesse pelas ciências naturais, presenteia seu pai, irmãs e tios com remessas de sementes de «plantas esquisitas», amostras vivas de arbustos e árvores, palmeiras que nunca tinha visto nem em estufas; expede macacos e periquitos, papagaios, colibris, araras e estranhos galos-da-Índia; envia borboletas com tamanho de pássaros, conchas e alguns minerais, o que, pelas leis reais, é altamente proibido.

Contudo, se a natureza em estado puro era um paraíso e resplandecia, importa dizer que a admiração que Leopoldina sentia pela paisagem não era transposta para os autóctones. Os índios, apesar de transparecerem muito pouco nos escritos da princesa eram, de acordo com ela, muito feios e tinham feições esquisitas, com diferentes tons de pele⁴⁵.

Quanto à sua nova família, descreve-os a Frederico I como «anjos de bondade, especialmente meu querido Pedro que, para além de tudo, é muito culto. Embora esteja casada com ele há apenas dois dias, ele merece todo o meu respeito e atenção, pois seu comportamento sob todos os aspectos é admirável»⁴⁶.

Mas em breve, as saudades da família e a desilusão com o casamento iriam dar lugar a outros sentimentos: a vontade de regressar à Europa ganhava força face ao «paradisíaco Brasil», esse «verdadeiro paraíso»⁴⁷.

⁴³ A imperatriz Maria Leopoldina. *Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário da sua morte, ocorrida no dia 11 de Dezembro de 1826*, prefácio de Alcides Bezerra, p. 107.

⁴⁴ Flora Medeiros Lahuerta, «Viajantes e a construção de uma ideia de Brasil no ocaso da colonização» in *Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, vol. X, n.º 218 (64), Agosto de 2006 <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>

⁴⁵ Carta 136 a Arquiduque Fernando, de 1 de Dezembro de 1817 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, pp. 316-7

⁴⁶ Carta 131 a Francisco I, de 8 de Novembro de 1817 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 313

⁴⁷ Carta 132 a Maria Luísa, de 8 de Novembro de 1817, in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 314.

3. Um país «incívil» e inculto e uma humanidade «esquisita»: a dura realidade

Depois deste deslumbramento inicial de Leopoldina em relação ao Brasil e à sua nova família, surgirão outros sentimentos e impressões, sobretudo em relação aos habitantes e seus hábitos, que considerava como «um tudo ou nada esquisitos» e ao clima quente e húmido, que considerava «esquisito» e insuportável, causador das maleitas de «seu infantil esposo», da melancolia que, cada vez com mais frequência, se abatia sobre a princesa. «Le pays est très charmant, plein de sites délicieux, des montagnes très élevés, des prairies verdoyantes de forêts des plus rares et magnifiques arbres parsemés par des belles fleurs, voyant voltiger les oiseaux incomparables par leur plumage; il faut dire que l'Amérique portugaise serait un paradis terrestre s'il n'y eut une chaleur insupportable de 88 degrés et beaucoup des mosquitos»⁴⁸.

Esclareça-se, contudo, que o deslumbramento pela natureza e pelas produções naturais continuou, uma admiração que reflectia uma sensibilidade romântica e desperta para a contemplação da natureza e beleza dos cenários naturais: as paisagens permaneciam maravilhosas, o seu conhecimento continuava a ser uma redescoberta constante, até porque muitos minerais e flores eram desconhecidos na Europa, o país era continuamente descrito como um paraíso com especial encanto para uma Leopoldina mineralogista e botânica⁴⁹.

Só que agora, muitas destas descrições acompanhavam os «estados de espírito» de Leopoldina, reflectindo o seu humor de momento e dando talvez razão a quem afirmava que, sendo as mulheres entes bastante mais sensíveis e emotivos que os homens e sendo também guiadas por princípios diferentes, estavam também mais próximas da natureza⁵⁰. A princesa – considerava ter sido «exportada para este país de ignorância», onde vivia cada vez mais isolada, tinha acessos de melancolia e pesar e manifestava frequentemente desejo de rever a Europa e a família –, via espelhadas a sua tristeza e solidão na natureza que a rodeava, nas «tristes e húmidas florestas do Brasil»⁵¹.

Para lá da natureza, o Brasil era apresentado por Leopoldina como um país inculto e incivilizado, que nada de interessante ou valioso produzia, atrasado em relação à organização social e às manifestações culturais e científicas. As pessoas (a família real incluída) eram diferentes, «esquisitas», e

⁴⁸ A imperatriz Maria Leopoldina. Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário da sua morte, ocorrida no dia 11 de Dezembro de 1826, p. 89.

⁴⁹ Carta 143 a Maria Luísa, de 20 de Janeiro de 1818, in D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz, p. 324.

⁵⁰ Sam George «The cultivation of the female mind: enlightened growth, luxuriant decay and botanical analogy in eighteenth-century texts» in *History of European Ideas*, volume 31, issue 2, 2005, pp. 209-223.

⁵¹ Carta 180 a Maria Amélia, de 27 Setembro de 1819, in D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz, p. 337.

a experiência pessoal adquirida pelo convívio com pessoas de outro país e outros hábitos culturais ditava que tivesse cada vez mais desconfiança e cuidado⁵²: «acho que é impossível fazer o bem e ajudar a enobrecer o país e os habitantes e isso custa muito sacrifício ao meu coração e razão; encontrei tudo muito pior do que o senhor, meu querido tio, havia, bem-intencionado, profetizado quando ainda estava na minha pátria»⁵³.

Quanto aos vínculos com o «mundo civilizado», estes eram mantidos através das ligações mais ou menos regulares e tangíveis com a Europa, permitidas pelos navios e alimentadas pelo que estes transportavam⁵⁴: a correspondência; os relatos orais sobre as «novidades», a política ou os mais recentes acontecimentos militares europeus; presentes enviados pela família: vestidos, sedas, musselinas, linho holandês para confecção de roupa interior, chapéus. E livros, muitos livros, encomendados ao marquês de Marialva ou pedidos a seu pai, irmã ou tios e a sua amiga Maria Graham, destinados a manter a «cientista» actualizada e a modernizar a sua biblioteca, onde predominavam obras de geografia, botânica, história, política e acima de tudo literatura de viagens e história natural⁵⁵.

A colecta de espécimes, a organização de colecções, a detecção de novos e inclassificados minerais, animais e vegetais eram assuntos recorrentes na correspondência da princesa. Assim, ao marquês de Marialva enviava para entregar ao seu mestre e amigo Hany «alguns objectos novos, cuja classificação lhe solicito na medida em que não tenho o atrevimento de lhe tirar essa honra, já que ele é a única pessoa digna de desempenhar tal função»⁵⁶; e a Maria Graham solicitava o envio instrumentos de precisão ou de géneros e espécies da Índia, Ceilão, Nova Holanda e Molucas em falta no seu catálogo de conchas, oferecendo espécimes brasileiros em permuta⁵⁷.

Os envios de macacos e papagaios, roedores, saguis e borboletas, minerais, sementes e plantas, de gaiolas com cem pássaros vivos, muitos deles espécies desconhecidas dos três reinos da natureza, sucediam-se, conjuntamente com remessas de magníficas representações de «paisagens

⁵² Carta 148 a Maria Luísa de 1 de Março de 1818 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 330.

⁵³ Carta 150 ao arquiduque Rainer, 18 de Abril de 1818 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 331.

⁵⁴ A existência destas ligações para o período subsequente à transferência da corte para o Brasil são referidas, de forma organizada, por Kirsten Schultz, «Exile, culture and civilization in Joane Rio de Janeiro» in p. 8 <http://lanic.utexas.edu/project/text/llilas/cpa/apring05/missa/schultz.pdf>

⁵⁵ O catálogo da biblioteca de Leopoldina foi publicado em 1926, mas apenas até à letra D, tendo este limite sido justificado pelos editores por razões de tempo e custos de impressão da obra onde foi integrado (*A imperatriz Maria Leopoldina. Documentos interessantes publicados para comemorar o primeiro centenário da sua morte, ocorrida no dia 11 de Dezembro de 1826*, p. 183).

⁵⁶ Carta 238 ao marquês de Marialva de 12 de Julho de 1822, in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, pp. 401-2.

⁵⁷ Maria Graham, *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1997, p. 37.

escaldantes» feitas por Thomas Ender, representações dos ameríndios brasileiros⁵⁸. A tudo isto juntavam-se alguns mimos da culinária brasileira, como chocolates e compotas de frutas, e de dois índios Botocudos, em quem recomendava expressamente que não se confiasse⁵⁹. Com que outras coisas que não as curiosidades dos três reinos da natureza brasileira poderia Leopoldina brindar a família distante, professores competentes, como Hany, e leais servidores, como o marquês de Marialva, se o país estava atrasado em todo o tipo de cultura? «É completamente diferente viver em um país culto ou em um paraíso terrestre como o Brasil, que ainda está no estágio em que Adão e Eva foram expulsos do paraíso»⁶⁰. Mas para além de serem uma amabilidade imperial com que Leopoldina queria obsequiar família e amigos, muitos destes «pequenos tesouros» das florestas brasileiras eram ainda enviados a Frederico I para serem entregues ao Museu de História Natural de Viena.

Sobretudo, e a partir de certa altura da sua permanência no Brasil, Leopoldina descobre o Império, um império que não está à deriva mas que, pelo contrário, é eficientemente governado a partir da capital e que tem ligações administrativas, comerciais e científicas intensas com a administração central estabelecida no Rio de Janeiro, tal como a tem com Lisboa. E assim, os presentes com que agracia familiares e amigos incluem sementes provenientes da China e da Índia, animais provenientes de África e da Índia, pássaros originários de Nova Holanda, tintas da China, aves do paraíso, cestas de marfim orientais. «Terei muito gosto em enviar à minha querida tia alguns produtos do Brasil; espero que a senhora não recuse o prazer de aceitar pequenas bagatelas, em anexo, produzidas na América, Índia e África, que são mais curiosas que belas; na verdade, foram os únicos objectos que consegui encontrar em países que ainda permanecem nos primeiros graus de cultura»⁶¹.

As descrições iniciais da cidade do Rio de Janeiro como lugar onde nada faltava em matéria de livros ou de adornos, e onde até residia um costureiro que tinha trabalhado para a Imperatriz Maria Luísa, logo deram lugar a outras, onde se descrevia uma cidade atrasada, sem teatros – apesar da inauguração do Real Teatro de São João em 1813 –, divertimentos ou distrações de qualquer espécie. A cidade, apesar de urbanisticamente melhorada com a transferência da corte, tal como repetidamente é afirmado por Spix e

⁵⁸ Carta 155 a Francisco I, 14 de Maio de 1818, in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 337. Thomas Ender terá sido o autor de 244 desenhos (dos quais 151 coloridos) que estavam ainda inéditos em 1934. Os desenhos incluíam vistas do Rio, plantas, paisagens e tipos de pessoas e eram considerados pelo antiquário Hans P. Kraus como um suplemento desconhecido à obra de Spix e Martius (BNRJ, Manuscritos 48, 1, 003, n.º 062 (doc. de 18 de Dezembro de 1934)).

⁵⁹ Carta 201 a Francisco I de 2 Abril 1821 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 377.

⁶⁰ Carta 290 a Maria Luísa, 12 de Dezembro de 1824, in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 435.

⁶¹ Carta 158 a Maria Amélia, 10 de Junho de 1818, in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 339.

Martius, foi um local preterido por Leopoldina em detrimento do campo, de São Cristóvão ou da fazenda de Santa Cruz que «se assemelha muito à minha amada pátria: magnificas montanhas, florestas, planícies circundam nosso pequeno mas lindo palácio; ... vejo plantas e árvores lindíssimas, cobertas de flores ainda desconhecidas na Europa»⁶².

Era aqui, num local mais próximo da natureza brasileira que Leopoldina tanto admirava, mas longe de uma família junto da qual tinha o maior empenho em ser simpática e agradável, embora considerasse os seus hábitos «*um tanto ou quanto esquisitos*», que a princesa vivia a maior parte do tempo, repartindo as suas actividades entre a pesca e a caça, a leitura e escrita, as aulas de música e canto, o aperfeiçoamento do português, inglês e latim, e os longos passeios a cavalo ou a pé, levados ao ponto de se perder completamente na floresta o que, afirmou, tinha sido uma aventura nada idílica.

4. A correspondência de Leopoldina como contribuidora da «literatura de viagens»?

Para Leopoldina é inegável que a correspondência que produz é um veículo preferencial como meio de comunicação, como forma de aproximação afectiva: com o pai, a irmã Maria Luísa, com os tios e irmãos. As suas cartas são ainda um meio eficaz de partilha de conhecimentos: no sentido de tornar familiar o que está distante, e compreensível o que é esquisito e exótico. Ambos os aspectos, o afectivo e o cognitivo, contribuem para acalentar sentimentos de afinidade e partilha que me parecem poder ser interpretados como um mecanismo desenvolvido pela imperatriz para firmar a sua identidade como membro de uma elite aristocrática da Europa Central. Contudo – e penso que, com o correr do tempo, as cartas são cada vez mais claras –, surgem sentimentos contraditórios sobre qual o lugar da imperatriz no mundo e onde seria a sua «casa»: «hence all travel writing exists in a dialectical relationship between two distinct places – that designated by the writer and perhaps also by readers as «home» and that designated as the cultural other»⁶³.

Pela sua correspondência perpassa um forte sentimento de alteridade que transforma o Brasil e os seus habitantes nos *outros*. Ao invés de adoptar uma posição de invisibilidade – como na sua obra científica fizeram os contemporâneos e bem conhecidos Spix e Martius⁶⁴ –, Leopoldina partilhou

⁶² Carta n.º 147 a Francisco I, de 1 de Março de 1818 in *D. Leopoldina. Cartas de uma imperatriz*, p. 329.

⁶³ Susan Bassnett, «Introduction», p. xi.

⁶⁴ Ainda assim, é O. A. Carey Turnquest e John Molina que afirmam que, não obstante este distanciamento científico estes cientistas conseguiram transmitir a ideia prevalecente da supremacia europeia, apesar do ar de desprendimento e objectividade que assumem no texto (*The language of supremacy*), Center for Latin American Studies http://dl.lib.brown.edu/travelogues/turnquest_molina.html).

com os leitores das cartas a forma como ela se via a si, à sociedade em que viveu e ao posicionamento de distanciamento que assume sobretudo em relação ao Brasil colonial e menos ao Brasil natural. A forma de transportar esse Brasil «esquisito», «bárbaro» e «inferior» à civilização far-se-ia, na opinião clara de Spix e Martius, e provavelmente de Leopoldina, através da interferência dos europeus e pela promoção da supremacia europeia no Novo Mundo. Teria sido esta vontade de «educar» o Brasil uma razão para impelir a jovem imperatriz a permanecer no Brasil e desempenhar o papel que teve nos acontecimentos relacionados com a independência do país?

Apesar de reconhecer que, no decorrer do século XVIII, existiu uma tendência nítida para uma profissionalização e especialização dos cientistas e para o exercício de saberes científicos ao serviço do Estado, bem como para uma divisão cada vez mais clara entre produção científica e práticas de evasão e recreação, acredito que a correspondência de Leopoldina pode contribuir para uma melhor compreensão da imagem científica do Brasil na Europa da sua época. Afinal, Leopoldina era considerada como uma mulher cultíssima, formada por Hany e outros mestres distintos que lia atentamente e com os quais tinha uma correspondência regular. Admito, de igual modo, que o peso que uma obra científica produzida por «cientistas profissionais» e este tipo de informação de natureza epistolar e afectiva têm são diferentes e que obviamente devem ser analisadas levando isso em consideração. Mas, ainda assim, parece-me que a correspondência de Leopoldina pode ser uma contribuidora válida para um estudo desta natureza.

Se, tal como afirma Susan Bassnett, por vezes os autores de literatura de viagens se podem confundir com romancistas ou autores de memórias que têm por objectivo aproximar culturas diferentes da sua própria cultura, porque não considerar também a epistolografia de Leopoldina, imperatriz do Brasil, como contribuidora de uma «literatura de viagens» entendida num sentido mais alargado?